

EU, DI CAVALCANTI E DONA LÚCIA

Carlos Henrique dos Santos

AOSVINTEANOS, eu carregava sonhos e desejos irrealizados e algumas paixões eram o leme que me guiavam no tormentoso mar das descobertas. Apaixonado por cinema, eu recém descobrira os filmes de Glauber Rocha e, numa época ainda incipiente de acesso à internet e downloads de vídeos (falo do início do novo século, em 2001), não era fácil encontrar e assistir filmes do genial diretor baiano. Foi quando soube da existência do Tempo Glauber, um espaço mantido por sua família num antigo casarão em Botafogo, bairro da zona sul carioca. Decidido a conhecê-lo, saí do meu estágio no Centro da cidade, onde trabalhava numa biblioteca, e parti, repleto de expectativas, rumo à estação do metrô sem sequer imaginar que nem o maior dos meus desejos se compararia ao que o futuro me reservava.

Endereço anotado no meu caderninho, cheguei à superfície emergindo do metrô, parei para fazer

um lanche, me informei sobre como chegar ao Tempo e caminhei mais um pouco. Lá chegando, fui recebido por um jovem que me orientou em relação à organização do espaço e disse que eu poderia ficar à vontade para olhar, folhear e perguntar. Andei pelos cômodos do antigo casarão totalmente dominado por uma sensação de prazer e encantamento, diversos itens do cineasta compunham a decoração do local: anotações, livros, películas, fotos, cartazes de filmes, objetos cenográficos, tudo ali fazia parte da história de Glauber, dos seus filmes e obras literárias, faziam parte da nossa história cultural, da nossa identidade mesmo enquanto nação.

Ainda em estado de êxtase e buscando aproveitar o máximo da visita indaguei ao atendente sobre como poderia assistir a algum vídeo, já que eles também disponibilizavam o acervo glauberiano para ser assistido em uma pequena sala. Devido ao horário, passava já das 15hs, eu poderia ver apenas alguns curtas, disse o rapaz. Eu respondi então que gostaria de assistir Pátio, primeira incursão na direção feita por Glauber, um curta de onze minutos em que dois personagens interagem num pátio quadriculado e já traz algumas marcas que futuramente se destacariam nos longas do diretor, como a influência do formalismo russo de Dziga Vertov e Sergei Eisenstein.

Enquanto caminhávamos para a sala de exibição perguntei se não havia a possibilidade de assistir também ao documentário sobre Di Cavalcanti (aqui abro um parêntesis um pouco longo para contextualizar o leitor: em 1976 o renomado pintor modernista faleceu. Ao receber a notícia Glauber foi para o velório no Museu de Arte Moderna do Rio e fez algumas das imagens que comporiam seu filme. De acordo com familiares de Rocha foi no início dos anos de 1970, num encontro em Paris, que Glauber e Di, que eram amigos, combinaram de cada um fazer uma obra: o diretor faria um filme para o pintor e este pintaria o amigo num quadro. O problema é que com Di-Glauber pronto - esse é o título da película - a família do Cavalcanti não gostou do resultado e, sentindo-se violada em seu luto, entrou na justiça e conseguiu proibir a exibição da obra em território nacional. Polêmicas à parte, o curta-metragem glauberiano encantou críticos pelo mundo, arrebatando inclusive o prestigiado e disputado prêmio especial do júri no festival de Cannes, na França, em 1977.)

Voltando ao Tempo Glauber: para minha grata surpresa o jovem respondeu que perguntaria à Dona Lúcia, a mãe de Glauber, se eu poderia assistir ao filme. Ligou a tv e meu deixou na sala escura com a exibição

de Pátio. Ao término da exibição eu, ainda extasiado com o que vira, fui surpreendido com a chegada de Dona Lúcia. Com seus passos curtos e firmes, ela se aproximou trazendo na mão a fita com o polêmico documentário. Nos cumprimentamos e ela disse que eu poderia sim assistir, desde que não comentasse com ninguém. Sorrimos, eu estava emocionado e nervoso, pois não imaginava que ao sair do trabalho em direção a Botafogo para conhecer o espaço cultural destinado ao meu novo cineasta preferido, eu fosse não só assistir ao seu filme proibido como ainda teria ao meu lado a presença forte, doce, marcante e singela de Dona Lúcia Rocha, a mãe do Glauber.

Ao longo dos dezoito minutos de duração de Di-Glauber minha atenção oscilava entre a tela da tv e suas imagens transbordantes do estilo épico-barroco tão marcante na filmografia do diretor e a companhia emocionada de sua mãe. Assistíamos ao filme, ela comentava alguns detalhes, falava sobre o filho com ternura e saudade, num misto de melancolia e amor tão intensos que me emocionavam ainda mais. Senti que ia chorar e segurei o choro. Na tela Glauber gritava enquanto enquadrava em primeiríssimo plano o seu falecido amigo. Quando o filme acabou Dona Lúcia perguntou minha opinião, ouviu atenta o que eu dizia

e se despediu dizendo que eu deveria voltar mais vezes e com mais tempo, assim poderia assistir aos longas do seu filho.

Após nos despedirmos eu fui embora com a certeza de ter vivido um dia especial, num local significativo para a memória do cinema brasileiro e com uma pessoa encantadora. Um tempo depois retornei ao Tempo e, novamente ao lado da Dona Lúcia, assisti a trechos do especial que a tv Globo fez (exibido no programa Globo Repórter) quando o cineasta faleceu. Dessa vez não era apenas eu quem chorava. No escuro da sala era possível sentir o choro contido daquela que por tantos anos e com tanto afinco lutou pela preservação da obra e da memória do seu filho. Dona Lúcia sabia da grandeza da produção artística de Glauber, que não só fez alguns dos maiores filmes nacionais de todos os tempos, como *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (que já figurou ao longo do tempo em algumas listas dos cem melhores filmes da história), *Terra em Transe* e *O dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro* (este já foi citado por Martin Scorsese, o grande diretor estadunidense vivo, como uma das obras que fortemente o impactaram), como também foi um ferrenho e aguerrido defensor das artes e da identidade cultural brasileira. Glauber acreditava e defendia um cinema nacional forte, pois

sabia que através da valorização da própria cultura é possível a construção de um país mais justo.

Hoje, mais de duas décadas depois daquele dia, ainda trago viva na lembrança a alegria de ter vivenciado um momento tão importante na minha formação intelectual ao lado da Dona Lúcia. O Tempo Glauber não existe mais, o que é uma pena, mas todo o seu acervo foi levado para a Cinemateca Brasileira e lá está disponível, mantendo viva a memória e a obra glauberiana.

CARLOS HENRIQUE DOS SANTOS, 42 anos, professor, casado com a Katerine, amante das plantas e da literatura, vascaíno e cinéfilo.